

# Indo além da Estrangeirização/Domesticação dicotômica em Tradução da Poesia Visual

Sida Lang<sup>1</sup>

Universidade de Macau, Macau, China

**Resumo:** Estrangeirização/domesticação tem sido uma discussão recorrente no âmbito dos Estudos de Tradução, sobre a qual estudiosos importantes como Schleiermacher (1813, apud LEFEVERE, 1992), Nida (1964), Newmark (1981), Venuti (1992; 1995) formularam conceitos de modelo binário. Sob a forte influência da dicotomia, a complexidade da questão tende a ser ignorada, ficando cada vez mais distante da posição do próprio tradutor como sujeito de estratégias de tradução. Portanto, o nosso trabalho tem como objetivo trazer uma discussão a respeito da insuficiência da abordagem estrangeirização/domesticação na tradução de poesia visual, sobretudo do ponto de vista do tradutor. Estruturamos o trabalho em 4 seções destinadas a apresentar observações e questionamentos durante o nosso processo de tradução do português para o chinês. A reflexão sobre a dicotomia nos exemplos de tradução reais acabou por mostrar que a estratégia da estrangeirização/domesticação não foi viável na nossa prática, nem é inerente à tarefa de todos os tradutores. Tal discussão é necessária e até urgente para objetos complexos e menos estudados no âmbito da tradução como a poesia visual.

**Palavras-chave:** Poesia visual; Estrangeirização-domesticação; Tradução intermedial; Tradução literária.

**Title:** Going beyond the Binary Foreignization/Domestication in Visual Poetry Translation

**Abstract:** Foreignization/domestication has been recurrent in Translation Studies debates, about which important scholars such as Schleiermacher (1813, apud LEFEVERE, 1992), Nida (1964), Newmark (1981), Venuti (1992; 1995) have formulated binary model concepts. Under the strong influence of the dichotomy, the complexity of the issue tends to be ignored and becomes gradually distant from the position of the translator himself who carries out translation strategies. Therefore, our paper aims to bring a discussion about the insufficiency of the strategy of foreignization/domestication in the translation of visual poetry, especially from the translator's point of view. We structure the paper into 4 sections designed to present observations and inquiries during our translation process from Portuguese into Chinese. The reflection on the dichotomy through the real translation examples ended up showing that the strategy of foreignization/domestication was not feasible in our practice, nor is it inherent to the task of all translators. Such a discussion is necessary and even urgent for complex objects rarely studied such as visual poetry in the field of translation.

**Keywords:** Visual poetry; Foreignization-domestication; Intermedial translation; Literary translation.

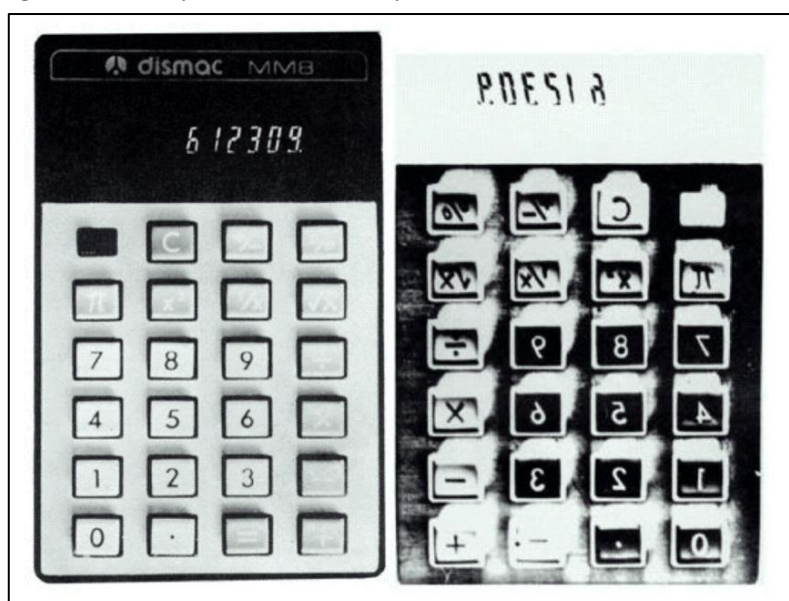
<sup>1</sup> Doutoranda e tradutora. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0309-7314>. E-mail: [veralang@sina.com](mailto:veralang@sina.com).

## Introdução

Durante o nosso estudo da poesia visual como investigadora e a nossa prática de tradução como tradutora, apercebemo-nos que, afinal, muitas questões recorrentes no âmbito dos Estudos de Tradução ganham em ser refocalizadas, rediscutidas e afinadas, sobretudo em relação a objetos menos estudados e a partir de uma prática tradutória. Uma delas, por exemplo, é a questão da estrangeirização-domesticação. Preferimos utilizar “estrangeirização-domesticação”, pois no caso da tradução da poesia visual, como se verá mais adiante, é inviável definir o que é estrangeirizar/domesticar (para um investigador), bem como fazer uma escolha exclusiva entre “estrangeirização/domesticação” (para um tradutor). Tal categoria de análise binária talvez ajude quem estuda e/ou analisa determinadas traduções e quem a toma como horizonte prático para desenvolver suas práticas tradutórias. Porém, é insuficiente para nós respondermos ao problema levantado pela prática de tradução da poesia visual — Será que uma “tradução estrangeirizadora” ou “tradução domesticadora” (VENUTI, 1995) pode ajudar os tradutores a lidar com um texto intermídia e com a materialidade do poema?

Perante um tipo de poesia em que se destaca a sua intraduzibilidade, como “Máquina” (Figura 1) de Philadelpho Menezes e Wilton Azeredo (MENEZES, 1980), perguntamo-nos: A que ponto e de que forma estrangeirização-domesticação pode exercer influência sobre a prática tradutória, o texto de partida (TP) e o texto de chegada (TC)? O que se pode estrangeirizar e o que se pode domesticar? Tal estratégia é inerente à tarefa de todos os tradutores? Qual é a voz do (in)visível tradutor e que papel desempenha o leitor na poesia visual?

Figura 1 – “Máquina”, de Philadelpho Menezes e Wilton Azeredo



Fonte: Menezes (1980, s.n).

Essas indagações acabaram por ser o início da nossa investigação, levando ao problema do presente trabalho. Pressentimos que nenhuma resposta do ponto de vista polarizado seja suficiente para resolver as nossas dúvidas oriundas da estrangeirização-domesticação, mas será o nosso ponto de partida para a exploração.

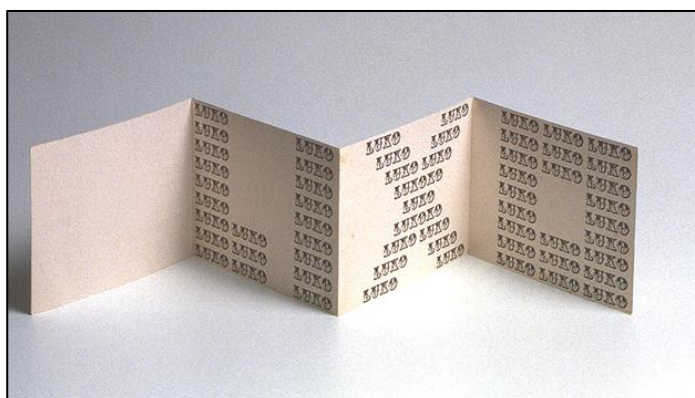
### Poesia visual na tradução

Antes da retrospectiva dos estudos existentes acerca da estrangeirização-domesticação, é pertinente apresentarmos o nosso objeto de estudo, poesia visual. A poesia visual abordada no presente trabalho trata-se de uma forma de poesia experimental possuída de efeito visual em sentido lato. Claro que uma demarcação mais delicada pode ser feita entre poesia visual, poesia concreta e outras formas interligadas, mas como isso não é o foco deste trabalho, estas são incluídas na aceção lata da poesia visual.

Poesia visual promove a superação do verso e da linha como unidades rítmico-formais e a articulação da linguagem verbal, elementos tipográficos e visuais, baseada na dissolução das fronteiras entre géneros literários e visuais. Portanto, convém destacar poesia visual como um tipo de *texto intermídia*. Claus Clüver, com profundidade de conhecimentos em poesia concreta e intermedialidade, propôs três combinações de mídia que se encontram em grande parte dos produtos culturais — *textos multimídias* que “combinam textos separáveis e separadamente coerentes, compostos em mídias diferentes”, *textos mixmídias* que “contêm signos complexos em mídias diferentes que não alcançariam coerência ou autossuficiência fora daquele contexto”, e *textos intermídias ou intersemióticos* que “recorrem a dois ou mais sistemas de signos e/ou mídias de uma forma tal que os aspetos visuais e/ou musicais, verbais, cinéticos e performativos dos seus signos se tornam inseparáveis e indissociáveis” (CIÜVER, 2011, p. 15).

A especificidade da poesia visual como *texto intermídia* é fundamental para discutirmos a questão da estrangeirização-domesticação, pois faz com que o tradutor se confronte com uma tarefa de tratar da inter-relação e da interação dos sistemas de signos e/ou mídias. Por exemplo, no poema “Luxo” (Figura 2) de Augusto de Campos (1965), uma palavra “LIXO” de tamanho grande é escrita por palavras “LUXO” de tamanho menor, expressando a crítica social de consumo obsessivo. O efeito visual do oxímoro paronomástico “lixo/luxo” é realizado justamente pela disposição espacial das palavras, o que é importante para TC e não deve ser ignorado pelo tradutor.

Figura 2 – Poema “Luxo” de Augusto de Campos



Fonte: Campos (1965, s.n).

Além de desafiar o tradutor, a abertura da poesia visual também desafia o leitor comum, que já não desempenha um papel passivo de andar por um caminho de leitura pré-construído pelo começo, meio e fim. Na poesia visual, o leitor passa a desempenhar um papel ativo em formas de leitura (como no caso do “Luxo”, pode começar por “luxo” e/ou “lixo”), bem como na interpretação do poema. Neste sentido, a forma como a tradução é recebida pelo público está intimamente relacionada com a materialidade do poema e deve entrar na consideração do tradutor ao escolher as suas estratégias de tradução.

### Os estudos de tradução e o modelo binário da estrangeirização/domesticação

Desde 1813 em que as famosas escolhas binárias do tradutor foram propostas por Schleiermacher, estrangeirização/domesticação passou a ser uma discussão proliferada nos Estudos de Tradução, graças sobretudo à releitura de Lawrence Venuti nas suas obras *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology* (1992) e *The Translator's Invisibility* (1995). Segundo Schleiermacher, ou bem o tradutor deixa o autor em paz e faz com que o leitor vá ao seu encontro, ou bem deixa o leitor em paz e faz com que o autor vá ao seu encontro (SCHLEIERMACHER, apud LEFEVERE, 1992). Entre os dois opostos métodos formulados por Schleiermacher, a preferência dele é o primeiro, embora ele tenha manifestado que as duas alternativas possuem igual valor. Posteriormente, a partir dos dois métodos de tradução de Schleiermacher, Venuti (1995) formulou o seu modelo binário cunhando um par de termos “estrangeirização” (*foreignization*) e “domesticação” (*domestication*). Para propor a chamada “estratégia resistente”, isto é, tradução estrangeirizadora, Venuti assim concluiu:

Admitting (with qualifications like “as much as possible”) that translation can never be completely adequate to the foreign text, Schleiermacher allowed the translator to choose between a domesticating method, an ethnocentric reduction of the

foreign text to target-language cultural values, bringing the author back home, and a foreignizing method, an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad. (VENUTI, 1995, p. 20)

Pode-se ver a interpretação distorcida de Schleiermacher por Venuti, tal como Mary Snell-Hornby (2012, p. 192) revelou na sua investigação que “redução etnocêntrica” e “pressão etnodesviante” pertenciam, na verdade, aos conceitos do próprio Venuti. De acordo com Venuti (1995), tradução domesticadora apaga a diferença linguística e cultural do TP deslocando o autor em direção ao leitor enquanto a tradução estrangeirizadora, como estratégia de resistência, dificulta a legibilidade do TC, mas registra diferenças linguísticas e culturais do TP, deslocando o leitor em direção ao autor. A opção de Venuti é óbvia, pela tradução estrangeirizadora.

No outro extremo, há autores como Eugene Nida (1964) e Peter Newmark (1981) que defendem a tradução domesticadora. Nida, com a cunhagem dos seus termos, dedicou-se a diferenciar uma tradução atenta na forma e conteúdo do TP (“equivalência formal”) de outra tradução destinada a recriar o efeito do TP realizado num discurso natural da língua de chegada (“equivalência dinâmica”). A afirmação de Nida foi até certo ponto instigadora quando ele diz “Perhaps no better compliment could come to a translator than to have someone say, ‘I never knew before that God spoke my language’” (NIDA; TABER, 1982, p. 173). Para Newmark (1981, p. 39), uma “tradução semântica” é colada ao sentido contextual do TP seguindo as estruturas semântica e sintática enquanto uma “tradução comunicativa” tenta reproduzir o mesmo efeito para o público-alvo.

As posturas desses autores surgiram em respetivos contextos, Schleiermacher a abrir caminho para a discussão dos dois métodos de tradução; Venuti a defender a posição desfavorável do tradutor literário no contexto anglo-americano; Nida a cumprir uma missão da tradução da Bíblia; enquanto Newmark, assim como Nida, a prestar mais atenção ao leitor do TC. Não obstante os contextos, os conceitos binários persistem. Essa tendência também se demonstra em conceitos de James Holmes (1988), Juliane House (1997), Lu Xun (1984), Wang Junyan (1994) entre outros autores e críticos ao abordar a questão da estrangeirização/domesticação. A escolha da estrangeirização/domesticação passa a ser descontextualizada e utilizada em análises e estudos para comparar o TP e o TC, às vezes até à escolha de uma delas como ideal e a outra como condenável. A dita “estratégia” parece esquecer o próprio tradutor como quem assume estratégias de tradução. Com esta retrospectiva do modelo binário, não o queríamos desvalorizar, mas sim reteirar um facto revelado por João Ferreira Duarte (2012, p. 34), isto é, a repetição da discussão dicotômica *per se* tem sido “discurso dos especialistas”. Este discurso dos especialistas, por um lado, contribui para a confiança social que permite a circulação de tradução, como revela Duarte (2012); por

outro lado, ignora o papel ativo do tradutor, nas palavras de Anthony Pym (1995, p. 7), “Yet the basic binarism remains anyway, not just in the mode of thought but more importantly in the generalized refusal to consider the translator, or the place of the translator, as a viable third term”. Este papel do tradutor na tradução da poesia visual é o que iremos desenvolver e exemplificar mais adiante.

### Posições alternativas além do discurso dos especialistas

Ao analisar de uma perspectiva sociológica sobre a linha teórica binária desde “letra *versus* sentido” de São Jerónimo (ROBINSON, 1997, p. 25), João Ferreira Duarte (2012) demonstra que as estruturas binárias usadas na metalinguagem da tradução ocidental legitimam o pacto de equivalência e ajudam a manter a confiança que enfim possibilita a tradução como ato social. Ele apontou de forma concisa e precisa que “a circulação social da tradução é baseada numa presunção de equivalência que a grande maioria dos consumidores de textos traduzidos nunca pode verificar empiricamente” (DUARTE, 2012, p. 20, tradução nossa) e o que o leitor lê é um livro do autor do TP em que nenhuma palavra foi escrita por ele. Este facto insinua que, por um lado, a existência do tradutor seja paradoxal porque é (in)visível, por outro lado, a tradução recebida pelo leitor seja sempre manipulada, com base na confiança. Mais precisamente, quanto à estrangeirização-domesticação, as estratégias utilizadas pelo tradutor são invisíveis, mas as características apresentadas pelo TC são visíveis; independentemente de utilizar estratégias da estrangeirização e/ou domesticação, ou nem uma nem outra, a intenção primária do tradutor é construir uma ponte entre o autor e o leitor. Como “a terceira entidade viável” (PYM, 1995, p. 7), o tradutor encontra-se, desde sempre, num espaço operatório das linguagens, onde acontece a execução das estratégias e a realização da tradução. A seguir, apresentaremos esse espaço operatório com 3 exemplos de tradução que demonstram que reflexões alternativas são necessárias para esta empresa tradutória.

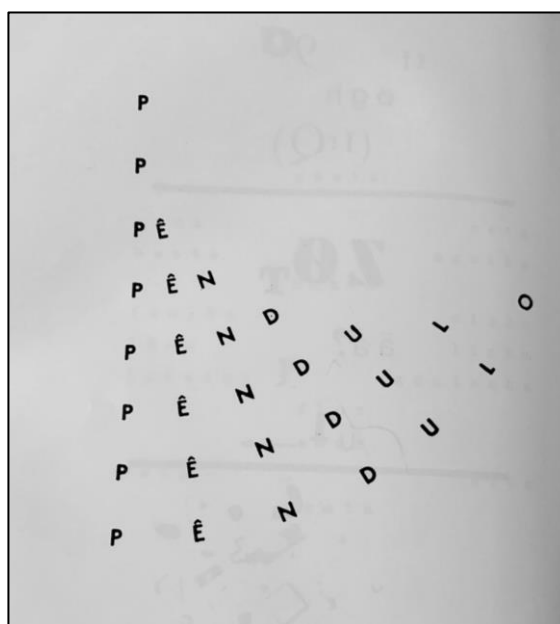
#### *A voz do (in)visível tradutor na poesia visual*

Já que estrangeirização e/ou domesticação é tratada como *estratégia* de tradução, cumpre observar a sua aplicabilidade na tradução de poemas visuais. Para tal, analisaremos os nossos exemplos em termos da: 1) função da estratégia de estrangeirização; 2) função da estratégia de domesticação; 3) função da estratégia híbrida de ambas.

O primeiro exemplo apresentado é o “Pêndulo” (Figura 3) do poeta português E. M. de Melo e Castro, pioneiro da poesia experimental portuguesa. O poema foi feito em 1962, na fase inicial do movimento da poesia experimental em Portugal. Através da espacialização das letras, realiza-se um crescimento progressivo da letra “p” até à palavra “pêndulo”, imitando

o movimento de um pêndulo.

Figura 3 - “Pêndulo”, de E. M. de Melo e Castro, 1962



Fonte: Hatherly; Melo e Castro (1981, p. 20)

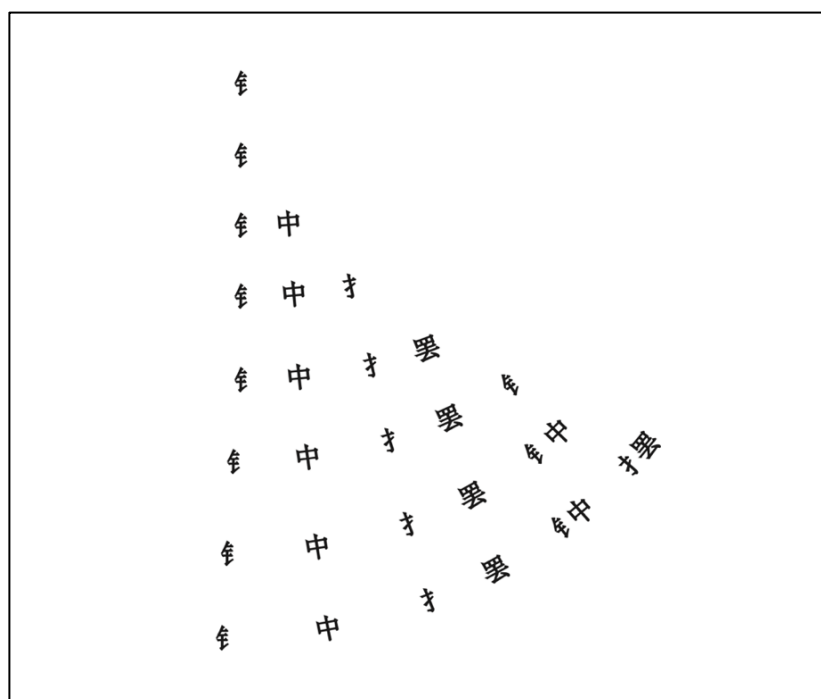
No início da tradução, tentámos estrangeirizar todo o poema no contexto de chegada e a única maneira possível para realizarmos a tarefa era deixar como estava o TP e traduzir o seu título para chinês, acrescentando uma nota explicativa do poema. No entanto, estávamos com dúvida se isso fosse uma tradução (estrangeirizadora). Ou era apenas uma dica de leitura? Para nós, é problemático contar a não-tradução na realização de tradução. Por isso, a chamada estratégia de estrangeirização acabou por não funcionar neste caso.

Depois, ao tentarmos domesticar o poema inteiro, apercebemo-nos da impossibilidade, porque nem sequer conseguimos achar uma maneira natural e/ou existente em chinês para realizar a tarefa de tradução. Por um lado, devido à diferença morfológica da língua portuguesa e da língua chinesa, era-nos difícil reproduzir o aumento progressivo dos signos com apenas dois caracteres chineses “钟摆” (zhōng bǎi, pêndulo). Por outro lado, se tivéssemos ignorado a organização espacial do texto, o TC perderia sentido. Nesse caso, a chamada estratégia de domesticação também não foi viável.

Finalmente, tentámos aplicar a estratégia híbrida e sentimos logo que era quase impossível separar os elementos a serem domesticados e os a serem estrangeirizantes por causa da especificidade do texto intermídia. A nossa resolução final para traduzir o poema foi produzir um texto intermídia só com língua(gem) de chegada (Figura 4, “钟摆”). Talvez torne mais visível o nosso dilema na aplicação da estrangeirização e/ou domesticação com uma comparação entre o TC e o TP. Podemos ver que 1) o TC assimila a organização visual do TP,

desmontando os dois caracteres chineses “钟摆”, tornados em “钅” (金字旁, jīn zì páng) e “中” (zhōng, um outro carácter), “扌” (提手旁 tí shǒu páng) e “罢” (bà, um outro carácter)<sup>2</sup>; 2) o TC transmite a mensagem semântica do TP com morfologia anormal da língua chinesa, através da tradução livre e da recriação da tradutora; 3) o TC não reproduz o efeito sonoro da “pulverização fonética”, isto é, “sintaxe espacial axiada no fonema” (CAMPOS, 2006, p. 74) do TP; 4) o TC consiste numa repetição dos componentes desmontados da palavra “钟摆”, ajudando a recriar o pêndulo em movimento. Desta forma, considerando o TC como um todo, sentimos que a estratégia híbrida tinha exercido pouca função na prática de tradução, uma vez que era quase impossível separar os sistemas de signo para aplicá-la. Além disso, há uma recriação por parte da tradutora que não deve ser eliminada e que não se enquadra em estrangeirização nem domesticação.

Figura 4 – “钟摆”, tradução do “Pêndulo” de E. M. de Melo e Castro



Fonte: (inérita) da autora.

O segundo exemplo apresentado é “Urban life\_Ar”, uma série de poemas visuais (Figuras 5a -5d) do poeta experimental português António Barros. O texto intermídia captura uma cena comum na cidade que consiste em chão, bancos e parede. A diferença entre os 4 componentes é o verso escrito em cada parede. Do primeiro verso “Não venhas tarde” surgiram os restos “Não venhas arde / venha ar / Não arde”, criando rimas e repetições visuais

<sup>2</sup> “扌” e “钅” fazem parte de 偏旁 (piān páng), isto é, essenciais componentes (semelhante a radicais) dos caracteres chineses. Mesmo que seja mais fácil transcriar o poema com o *pinyin* (mandarim romanizado) no contexto de chegada, não o usamos, porque os leitores lêem normalmente em caracteres em vez do *pinyin*.



das palavras. Cabe ao leitor a interpretação desse jogo ambíguo realizado por esses versos interligados.

Figuras 5a, 5b, 5c, 5d (da esquerda para direita, de cima para baixo) – “Urban Life\_Ar” de António Barros



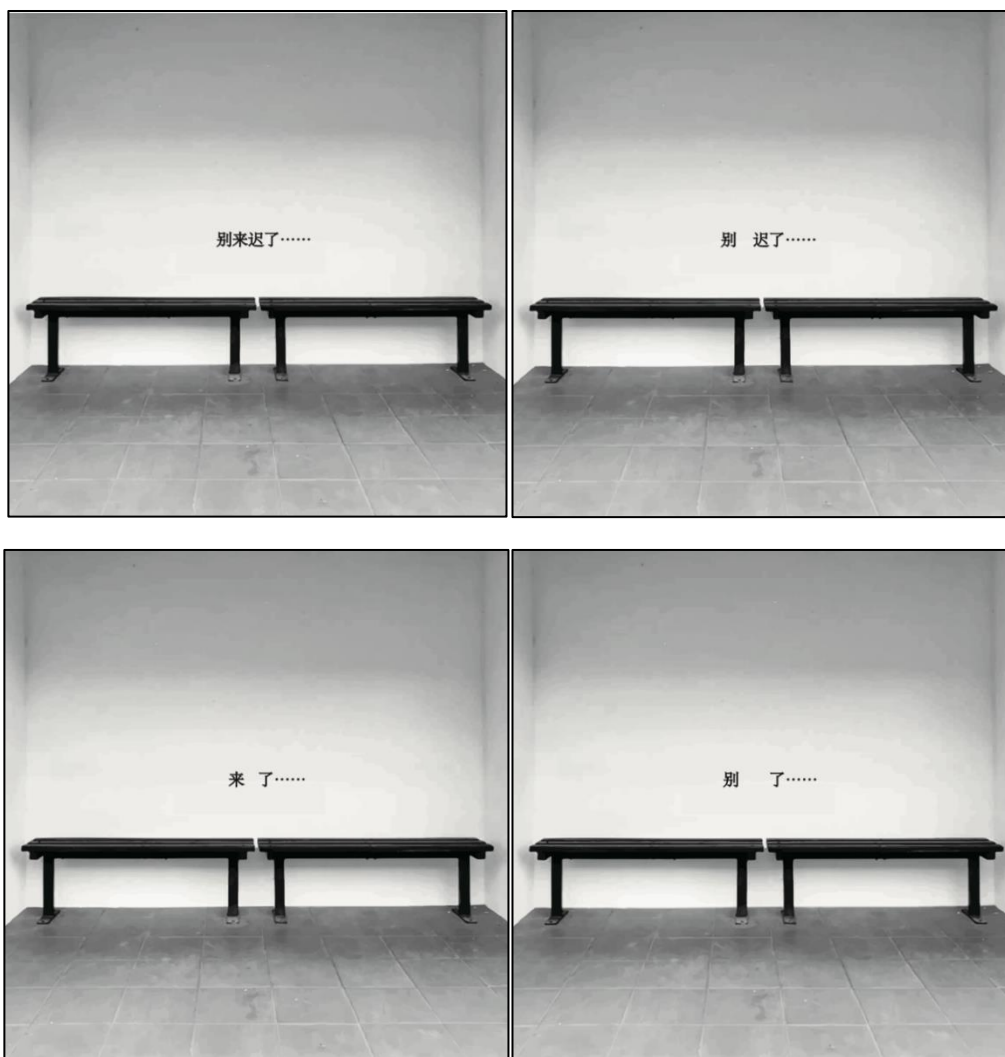
Fonte: Barros (2020, s.n)

A situação da aplicabilidade das estratégias de estrangeirização/domesticação à tradução do “Urban life\_Ar” não foi positiva. Não o chegámos a estrangeirizar nem domesticar, porque ambas as estratégias resultariam em apagamento da essência inseparável dos signos verbais e visuais e em prejuízo ao lado lúdico do texto intermídia, fazendo desaparecer não só o efeito visual mas também o efeito sonoro. “Tradução” destas faria pouco sentido no contexto de chegada.

Quanto à estratégia híbrida, também não nos tinha prestado suficiente apoio para realizar a tradução. Comparando o TP e a nossa resolução final (Figuras 5a-5d), podemos ver que 1) em nível visual, o TC reproduz a cena do TP e assimila a repetição visual do jogo de

palavras “别来迟了”, “别迟了”, “来了” e “别了”; 2) em nível sonoro, o TP consiste em aliteração (“arde” e “ar”) e rima (“tarde” e “arde”); o TC consiste em repetições sonoras (“别来迟了” bié lái chí le, “别迟了” bié chí le, “来了” lái le, “别了” bié le) e não cria rima; 3) em nível semântico, o TP está aberto a múltiplas leituras porque é tão ambíguo que não se conhece a história inteira, aliás, o que interessa aqui é o ato de perguntar, pensar e adivinhar do que uma resposta fixa; e o TC, mesmo iniciado com o verso “não venhas tarde” traduzido (“别来迟了”), vai construindo o seu jogo de palavras independente do TP — “别迟了” (Não venhas, já é tarde), “来了” [(estou) a chegar], “别了” (“não” e/ou “adeus”). Daí, observa-se o obstáculo que um texto intermídia impõe à tradução e que tem de ser ultrapassado pela recriação do tradutor. As estratégias de estrangeirização e/ou domesticação, por sua vez, não parecem ter ajudado muito.

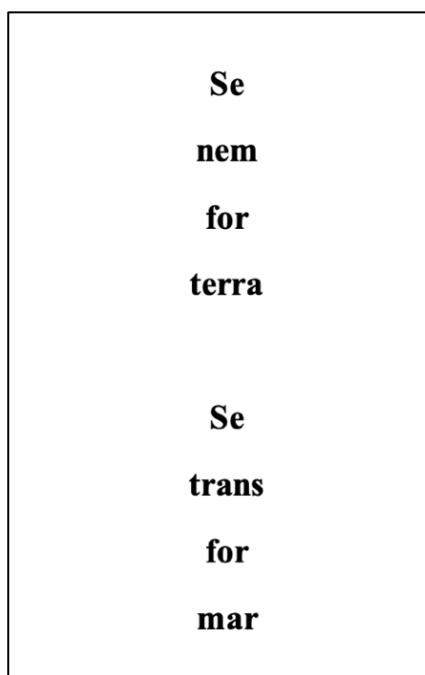
Figuras 5a, 5b, 5c, 5d (da esquerda para direita, de cima para baixo) – “城市生活：别”, tradução nossa do poema “Urban Life\_Ar” de António Barros



Fonte: (inédita) da autora

O terceiro exemplo apresentado é o poema “se não for terra” (Figura 6) do poeta brasileiro Paulo Leminski. O poema consiste em duas partes estruturalmente repetidas “se nem for terra” e “se trans for mar” que criam uma antítese entre “terra” e “mar”. Através da tipografia, intensifica-se o efeito da transformação criado pela decomposição da palavra “transformar”.

Figura 6 – “se não for terra”, de Paulo Leminski



Fonte: Leminski (2013, *s.n*)

A nossa tradução do poema foi “如果不再是陆地” (Figura 7). Em termos da aplicação das estratégias de estrangeirização e/ou domesticação, não chegámos a fazer uma tradução estrangeirizadora porque o TC tornaria banal se tivéssemos seguido a organização visual do TP; nem chegámos a fazer uma tradução domesticadora, pois, mesmo sendo fluente em chinês, o TC transmite um efeito de estranhamento visual que atribui à reestruturação da tradutora. Podemos dizer que, neste caso, a estratégia híbrida funcionou melhor do que nos dois anteriores, talvez porque a sua interação dos signos seja mais simples.

Figura 7 – “如果不再是陆地”, tradução do poema “se não for terra” de Leminski

如果  
不再是陆地,  
如果  
变成 海洋。

Fonte: Lang (2019, p. 88)

Portanto, através dos três exemplos apresentados, demonstra-se um fenômeno interessante – uma tradução fluente na língua(gem) de chegada não é necessariamente uma tradução domesticadora enquanto uma tradução não-natural na língua(gem) de chegada não é necessariamente uma tradução estrangeirizadora. As características que um texto traduzido possui podem ser resultado das técnicas da tradução literal e/ou livre<sup>3</sup>, da recriação do tradutor e muito mais provavelmente, dum efeito cumulativo de vários métodos. Devido à nossa identidade da tradutora, observamos que, na tradução da poesia visual, 1) a estratégia dicotômica de estrangeirização/domesticação não parece viável; 2) a estratégia híbrida de estrangeirização-domesticação tem uma função bastante reduzida e menos realizável; 3) a estratégia mais importante acaba por ser a recriação da materialidade do texto intermídia pelo tradutor, através da exploração da linguagem de chegada, (des)montagem de palavras, jogos de palavra, entre outros métodos que variam de poema para poema.

Não obstante serem limitados, os exemplos possibilitaram a voz da própria tradutora em relação a *estratégias* de tradução. Afinal, a premissa da aplicabilidade das estratégias de estrangeirização-domesticação é a intenção do tradutor, cujo papel não é e não deve ser reconhecido como um carregador servil que traz o autor de volta para casa ou que remete o leitor ao exterior.

Na tradução da poesia visual, acreditamos que a tarefa do tradutor é construir “uma relação de isomorfia” (CAMPOS, 2011, p. 34) entre o TP e TC e “dar vida nova ao passado literário válido via tradução” (CAMPOS, 2011, p. 36). Nesse processo de “make it new” (POUND, *s.d.*, apud CAMPOS, 2011, p. 36), será que a tradução estrangeirizadora é capaz de funcionar como “estratégia de visibilidade” do tradutor defendida por Venuti (1995) enquanto a tradução domesticadora apaga a existência do tradutor? Não é contraditório dificultar a legibilidade do TC e o acesso ao TC do leitor se pretender alçar o prestígio do tradutor? Tudo

<sup>3</sup> A nosso ver, estrangeirização e domesticação são mais teóricas para orientar a tradução enquanto tradução literal e tradução livre são métodos práticos. Ambos os termos se preocupam com questões linguísticas e culturais, mas não são equivalentes.

isto tem a ver com um papel imprescindível na recepção da tradução, isto é, o leitor.

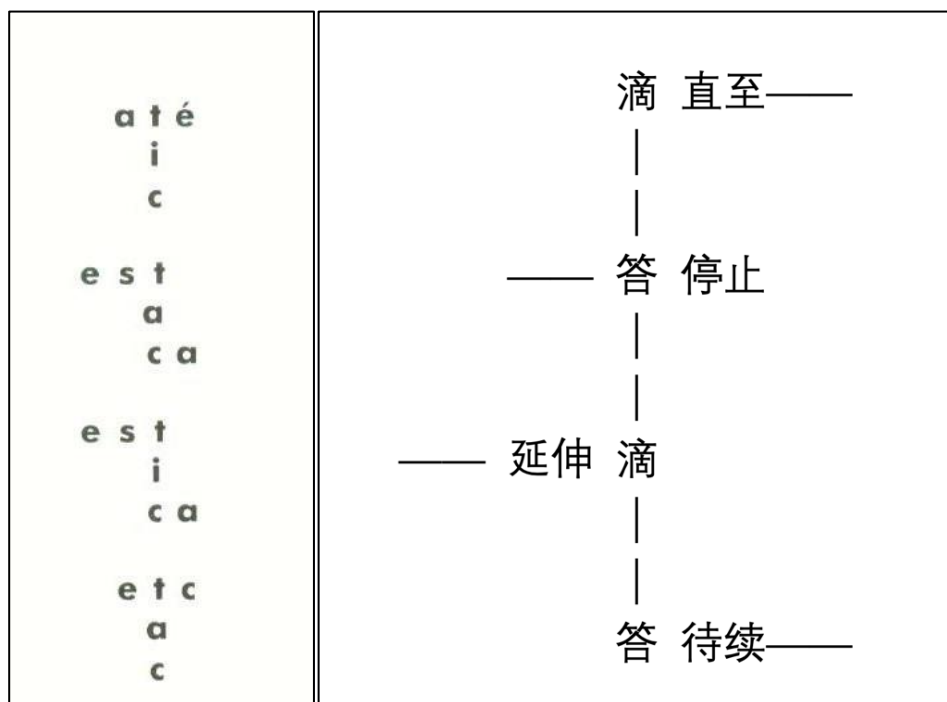
### *Papel do leitor na poesia visual*

Visto que a aplicação de estratégias de tradução cabe ao tradutor, quando o tradutor não tem intenção de realizar uma tradução estrangeirizadora e/ou domesticadora, a chamada *estratégia* já perde premissa. Neste caso, perguntamos o que se sente o leitor comum perante um poema visual traduzido? Será que o TC transmite algum “cheiro exótico” (LU, 1984, p. 246; WANG, 1994, p. 125) como declarado no discurso dos especialistas?

Consideramos isso no caso de “如果不再是陆地” (Figura 7). O texto respeita a sintaxe da língua chinesa e transmite a semântica de modo fluente, o que é familiar para o público chinês. Contudo, o uso do *underscore* torna o texto visualmente diferente da estrutura comum dos poemas chineses (LANG; SUN, 2020, p. 176). Neste caso, o texto inteiro pode dar ao leitor uma sensação de *estranhamento* e/ou *familiarização*, depende do “horizonte de expectativa” de cada leitor (JAUSS, 1994, p. 28). Isto quer dizer, *estrangeirização* e/ou *domesticação* já não são aplicáveis. Já que o leitor não é capaz de verificar se um TC é “estrangeirizado” e/ou “domesticado”, o TC é o seu TP, conseqüentemente, o seu papel é igual ao leitor do TP. O chamado “cheiro exótico” é, de facto, a sensação de estranhamento enquanto o sabor caseiro se trata da sensação de familiarização.

Como a especificidade e o experimentalismo do texto intermídia exerce uma influência direta na sua recepção, poesia visual desafia frequentemente a forma de leitura do público. Na recepção da poesia visual, ao leitor não basta desempenhar um papel passivo que lê sempre de cima para baixo, da esquerda para direita. O leitor é convidado a decidir por onde quer ler e/ou ver e como interpreta a forma *do* conteúdo. A sua atenção prestada ao dito significado dos versos que lhe tem sido instituída passa para a construção própria de uma das múltiplas leituras do poema. O leitor do TP “Tic-Tac” (Figura 8) do poeta brasileiro Ronaldo Azeredo e o leitor do TC “滴答” (Figura 9) desempenha o mesmo papel de visualizar a materialidade do texto e interpretá-lo. Tanto o estranhamento como a familiarização que o texto transmite é capaz de reconstruir o horizonte de expectativa do leitor, proporcionando-lhe a expansão do campo de conhecimento, ou o afastando, até fazendo pensar que o texto tenha sido mal escrito e/ou mal traduzido. Esse facto insinua um outro fator que entra na consideração do tradutor — “distância estética”, ou seja, os níveis de aproximação ou distanciamento entre uma obra nova e o horizonte de expectativa preexistente do leitor. Tal distância estética “deixa se objetivar historicamente no espectro das relações do público e do juízo da crítica (sucesso espontâneo, rejeição ou choque, casos isolados de aprovação, compreensão gradual ou tardia)” (JAUSS, 1994, p. 31).

Figura 8 – “Tic-Tac”, Ronaldo Azeredo, 1956      Figura 9 – “滴答”, tradução do “Tic-Tac” de Azeredo

Fonte: Azeredo *et al.* (1962, p. 142)

Fonte: (inérita) da autora

Finalmente, nesse ambiente fundido de estranhamento e familiarização, se bem que o leitor esteja ciente da dual existência do autor, não sabe se a sua sensação de estranhamento e/ou familiarização é resultado da criação do chamado autor ou do chamado tradutor. Também nesse ambiente fundido de visibilidade e invisibilidade, o tradutor pode inspirar-se no TP e dar-lhe vida nova produzindo um texto isomorfo, que vai além do domínio da estrangeirização-domesticação. Por isso, a nossa ótica é diferente da de Venuti que considera estrangeirização como estratégia de visibilidade. Para nós, é permanente a (in)visibilidade paradoxal do tradutor, pois esta identidade possibilita a produção da tradução e, provavelmente, um melhoramento futuro da situação social do tradutor literário. O tradutor não desloca o leitor até ao autor, nem vice-versa, mas sim descola os dois ao lugar do próprio tradutor, a “uma nova imagem-poesia” (re)criada pelo tradutor, recorrendo à “paralaxe tradutória” formulada por Júlio Jatobá,

[...] a nova imagem-poesia nunca será uma cópia, e nem deveria ou gostaria de ser. Ela é um misto da leitura de imagens mentais do coletivo e do individual, ou seja, não é nada mais que um enquadramento consciente, criativo e espacial e temporalmente situados da íntima relação da tríade poesia-tradutor-leitor (nenhum funciona isoladamente, pois são relações complementares). Mais que isso, a paralaxe não é resultado apenas da nova imagem-poesia pensada pelo tradutor-fotógrafo, mas existe no próprio enquadramento que o leitor terá do poema ou da forma poética. (JATOBÁ, 2019, p. 142)

## Considerações finais

A razão pela qual voltámos à questão da estrangeirização-domesticação foi que ela parecia um *cliché*, mas era um tópico que precisa ser (re)discutido e (re)observado para objetos menos estudados como poesia visual dos Estudos de Tradução. Além disso, seria um dos contextos mais pertinentes em que se ouve a voz do tradutor.

Depois de toda essa exploração partindo do modelo binário e indo além, chegámos a observar outros aspetos da estrangeirização-domesticação exemplificados na tradução da poesia visual, sobretudo do ponto de vista do tradutor. Agora, voltamos àquela pergunta inicial — como entendemos a estratégia de estrangeirização-domesticação que não parece prestável na prática de tradução? Na nossa ótica, a sua existência é um albergue da realidade da identidade (in)visível do tradutor, que está fadada a permanecer via sua criatividade *na* e *para* a tradução.

## Referências

AZEREDO, R. *et al.* *Antologia Noigandres 5: do verso à poesia concreta*. São Paulo: Massao Ohno, 1962.

BARROS, A. *Urban Life \_Ar*. Disponível em: <https://po-ex.net/taxonomia/materialidades/tridimensionais/antonio-barros-urban-life-ar/>. Acesso em: 10 dez. 2021.

CAMPOS, A. D. *Luxo*. São Paulo: edição do autor, 1965. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2884/augusto-de-campos>. Acesso em: 08 dez. 2021.

CAMPOS, H. D. Da tradução como criação e como crítica. In: QUEIROZ, S. *et al.* (orgs.). *Da Transcrição poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: Viva voz, 2011. p.31-46.

CAMPOS, H. D. Olho por olho a olho nu. In: CAMPOS, A. D.; CAMPOS, H. D.; PIGNATARI, D. *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*, 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006. p. 73-76.

CLÜVER, C. Intermedialidade. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 8-23, 2011.

DUARTE, J. F. Trusting translation. *Anglo-Saxonica*, III Série, n. 3, p. 17-38, 2012.

HATHERLY, A.; MELO E CASTRO, E. M. *PO.EX: Textos Teóricos e Documentos da Poesia Experimental Portuguesa*. Lisboa: Moraes, 1981.

HOLMES, J. S. *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, 1988.

HOUSE, J. *Translation Quality Assessment: A Model Revisited*. Tübingen: Gunter Narr Verlag,

1997.

JATOBÁ, J. Poética do Traduzir *a, na e para a China*. *Cadernos de Tradução*, v. 39, n. esp., p. 120-147, 2019.

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

LANG, S. D. 保罗·莱明斯基的诗/ Poemas de Paulo Leminski. *Chinese-Western Poetry*. n. 1, p. 85-92, 2019.

LANG, S. D.; SUN, Y. Q. Estranhamento como Estratégia de Tradução: Categorização do Estranhamento na Poesia Leminskiana e a sua Recriação na Língua Chinesa. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 40, n. 3, p. 154-186, 2020.

LEMINSKI, P. *Toda Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LU, X. “题未定”草. In: Associação de Tradutores Chineses (Org.). 翻译研究论文集 1894-1948. Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press, 1984. p. 244-250.

MENEZES, P. *4 Achados Construídos. Arte – Ana Aly*. São Paulo: Edição do autor, 1980.

NEWMARK, P. *Approaches to Translation*. Oxford: Pergamon, 1981.

NIDA, E. *Toward a Science of Translating*. Leiden: E. J. Brill, 1964.

NIDA, E.; TABER, C. R. *Theory and Practice of Translation*. Leiden: Brill, 1982.

PYM, A. Schleiermacher and the problem of *Blendlinge*. *Translation and literature*, v. 4, n. 1, p. 5-30, 1995.

ROBINSON, D. *Western translation theory from Herodotus Nietzsche*. Manchester: St. Jerome, 1997.

SCHLEIERMACHER, F. On the different methods of translating. In: LEFEVERE, A *et al.* (Org.). *Translation/ History/ Culture: a sourcebook*. Londres e Nova York: Routledge, 1992.

SNELL-HORNBY, M. A “estrangeirização” de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos Estudos da Tradução?. *Pandaemonium*, v. 15, n. 19, 2012, p. 185-212.

VENUTI, L. *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*. London and New York: Routledge, 1992.

VENUTI, L. *The Translator’s Invisibility*. London: Routledge, 1995.

WANG, J. Y. 也谈翻译中的“归化”与“保留异国情调”. *山东外语教学*, n. 3-4, 1994, p. 124-127.

Recebido em: 09/01/2022.

Aceito em: 25/05/2022.